

15a
edição

“Hemetério dos Santos: o posicionamento do intelectual negro a partir das obras

Pretidão de amor e Carta aos Maranhenses.”

Por Marcela Moraes Gomes

Email: marmogo@gmail.com

Graduada em História – Universidade Federal Fluminense

Resumo: O artigo pretende apresentar a partir da trajetória de Hemetério dos Santos, intelectual que viveu em meados do século XIX até início do XX, a análise de suas obras *Pretidão de Amor* e *Carta aos Maranhenses*, e seu posicionamento político diante das questões que nortearam a Primeira República no Brasil. A defesa da democracia, do ensino inclusivo e do fim da discriminação racial, foram as principais bandeiras de luta do professor, gramático e filólogo. Através da análise das obras de Hemetério dos Santos e do diálogo com a bibliografia específica sobre o tema busca-se localizar o intelectual no seu tempo, elucidando suas críticas.

Palavras-chave: Intelectuais negros, Primeira República, Questões raciais, Hemetério dos Santos.

Abstract: The paper aims to present from the path of Hemetério dos Santos, intellectual who lives in the nineteenth century to early twentieth century, and the analysis of his works *Pretidão de Amor* and *Carta aos Maranhenses*, his political positioning on the issues that guided the First Republic in Brazil. The defense of democracy, the inclusive education and end racial discrimination, were the main flags of struggle of the teacher, grammarian and philologist. Through the analysis of works of Hemetério dos Santos and dialogue with their search literature on the subject seeks to locate the intellectual in his time, elucidating their criticisms.

Key-Words: Black intellectual, First Republic, Racial issues, Hemetério dos Santos.

Introdução

Ao pesquisar e analisar as fontes sobre Hemetério dos Santos [1] buscou-se entender além das origens sociais e formações os diferentes campos de atuação deste intelectual e de outros desse tempo. Um ponto em comum entre eles foi o comprometimento com a abordagem da questão racial. Por isso, a importância de se estudar a história e as relações de poder e controle de suas experiências vividas. O esquecimento de vários nomes, que deram suas vozes durante a instalação da República no Brasil diante de tamanha movimentação política, sobretudo antes e depois da abolição da escravatura, foi uma das questões que nortearam este trabalho e que são refletidas nas próximas linhas. A obscuridade de muitos desses intelectuais, que poucas vezes tiveram sua trajetória e seus trabalhos pesquisados, dificultam a construção da memória não só sobre eles, mas sobre um período fundamental para a consolidação da nação e cidadania no Brasil.

Ao longo das últimas décadas a partir do fortalecimento dos movimentos negros e de sua visibilidade foi possível resgatar questões que elucidaram o posicionamento e importância de muitos negros que participaram ativamente da consolidação da República brasileira e que combateram a existência da discriminação racial e do racismo, sobretudo no espaço público.

Junto a isso, a historiografia na década de 1960, impulsionou dentre outros aspectos, a valorização do indivíduo enquanto agente social ativo o que possibilitou uma intensa renovação teórico-metodológica que no Brasil provocou a emergência de trabalhos que descortinaram as ações e lutas cotidianas dos afro-brasileiros, desde os tempos de vigência escravista, não só no campo da História, mas também da crítica literária. Tal movimento foi percebido através de importantes estudos sobre tal temática ao longo da década de 1980 e que ainda mobiliza grande parte da historiografia atual.[2]

Tendo em vista trabalhos realizados na área acadêmica como o de Antônio Sérgio Alfredo Guimarães[3], buscar-se-á evidenciar de que forma os intelectuais negros transitaram no mundo da civilização e da modernidade e que em seu nome buscaram incorporar sua origem à identidade e às agendas políticas da nação. Tais questões farão parte do balanço teórico desenvolvido nesse trabalho, com base em alguns dos textos que embasam a pesquisa e análise realizadas.

O enfoque maior será evidenciar a trajetória de Hemetério José dos Santos, na tentativa de não heroicizar ou de executar o que Pierre Bourdieu[4] classificou como ‘ilusão biográfica’, isto é, não trabalhar o sujeito sem compreender o contexto e o caminho que viveu ou percorreu, além de ter como ponto de partida o fato de que tal sujeito, ao relatar suas experiências, pode ocultar ou manipular informações. Para isso toda e qualquer fonte de informação deve ter sua “crítica interna” feita com acuidade, justamente por não oferecer apenas uma “narração dos fatos”. Todo texto carrega em si elementos próprios ao seu autor, leituras particulares de um determinado contexto. Este é um dos cuidados, que o historiador, ao partir de um indivíduo como tema, deve se preocupar.

Ao pretender-se estudar o papel dos intelectuais negros brasileiros e a modernidade, tornou-se indispensável pensar como estes se identificavam e eram identificados racialmente e de como os pesquisadores interessados nesse tema podem identificá-los hoje. Logo, percebe-se que uma das discussões presentes entre pesquisadores e que merece destaque é a questão do racismo e do mito de democracia racial no Brasil.

A proposta do trabalho é apresentar o posicionamento do intelectual acerca das questões raciais de sua época, partindo de duas obras suas: ‘Pretidão de Amor’ e ‘Carta aos maranhenses’, publicadas, respectivamente, em 1905 e 1906. A partir destas obras, tentarei elucidar não só o posicionamento de Hemetério dos Santos diante da questão racial, mas de que forma, através da defesa por um ensino democrático e inclusivo principalmente aos negros, tais ideias se aproximam de um determinado projeto político de *res pública*.

Perspectivas historiográficas sobre os intelectuais negros

Ao longo do século XIX, buscou-se, principalmente por parte das autoridades privadas e públicas a limitação do espaço público, especificamente no Rio de Janeiro, ao negro, através da repressão e controle realizados por órgãos, como a Polícia, existente desde a chegada de D.João VI e sua corte na cidade. O temor de uma rebelião escrava, além da presença da resistência negra, sobretudo através de suas manifestações culturais foram alguns dos motivos que intensificaram tal medida repressiva ao longo do período. Porém, ainda que tal repressão existisse, o espaço público foi intensamente frequentado pelos negros, justamente pelas formas de resistência e negociação engendrada por escravos e seus descendentes, que como observou Keila Grinberg:

(...) houve, a partir da independência do país, uma efetiva pressão de distintos setores da sociedade brasileira pelo reconhecimento de seu direito à cidadania, e este movimento partiu principalmente daqueles indivíduos que tinham vivido diretamente ou através de seus antecessores a experiência da escravidão.[5]

Como defende Heloisa Toller Gomes, com a emergência do movimento abolicionista, ‘o negro forçou o ingresso também na esfera política, tentando conquistar seu próprio espaço e se manifestando diante da opinião pública como sujeito de um discurso antiescravista específico e explícito’. Para exemplificar tal atuação, permeiam nomes como José do Patrocínio e André Rebouças nos meios de imprensa abolicionista.[6]

Como salienta Carolina Vianna Dantas,

o que teria sustentado a legitimidade da escravidão na Monarquia emancipada foi o recurso ao direito de propriedade e as hi

erarquias sociais tradicionais no Antigo Regime e não o conceito moderno de raça (...) tal perspectiva abriu possibilidades de ascensão pra homens livres de cor como o Conselheiro Rebouças – para quem o exercício da cidadania política deveria estar diretamente relacionado às restrições censitárias e não a qualquer restrição baseada no sangue, na cor ou na raça.[7]

Poder-se-ia pensar a partir de tal argumento, que este seria junto com outros fatores, o que justificou a projeção social de Hemetério dos Santos. Partindo da autora, faz-se a reflexão de que abolicionistas como Joaquim Nabuco tinham como objetivo ‘reconstruir o Brasil sob um regime de trabalho livre e unir as raças na liberdade’[8] a defesa de uma harmonia social, isto é, sem o desprezo da população nacional descendente de escravos. Tal argumento está ligado, como defende Carolina Vianna, com o desejo de intelectuais, como Hemetério dos Santos, ‘de que o país fosse uma espécie de *paraíso racial*.’[9]

Antônio Sérgio Alfredo Guimarães, ao escrever sobre a noção de ‘democracia racial’, defende que foram os intelectuais negros que se tornaram responsáveis pela abrangência e capilaridade da doutrina. O autor acredita que, fossem estes “embranquecidos”[10] ou não, essa ideologia foi, durante muito tempo, para esses intelectuais, um importante instrumento de mobilização política. Antônio Sérgio elucida que de fato,

o intelectual negro brasileiro forjou e vulgarizou, desde a campanha abolicionista, uma visão positiva da contribuição dos africanos para a construção nacional e para a constituição moral do nosso povo. Tal visão conviveu por várias décadas com uma atitude integracionista politicamente passiva, com a qual os mulatos e negros procuravam demonstrar que a cor era a única diferença entre eles e a elite branca, sem qualquer implicação moral ou cultural.[11]

Partirei dessa tese para mostrar através das fontes - ‘Pretidão de Amor’ e Carta aos Maranhenses” - de Hemetério dos Santos, que o intelectual utiliza tal argumento, ao se posicionar contrário à discriminação racial.

Ao discutir a relação entre os intelectuais negros e a modernidade no Brasil, Antônio Sérgio Guimarães classifica modernidade negra, como ‘o processo de inclusão cultural e simbólica dos negros à sociedade ocidental, mas sob a palavra negra se escondem personas muito diversas: o escravo e o liberto das plantações, o africano, o crioulo, o mestiço (...)’. Acredita que ‘a modernidade negra se inicia, de fato, com a abolição da escravatura, nos meados do século XIX’. Ao refletir sobre a integração social do negro na sociedade, Antônio Sérgio coloca dentre várias problematizações, a permanência de fortes preconceitos étnicos e de cor, nutridos pelas desigualdades de oportunidades de vida entre negros e brancos e o racismo exacerbado do início do século XX. Outro teórico que analisou a questão da modernidade foi Paul Gilroy[12] que destaca em sua análise a importância das experiências do ‘povo negro’, como intelectuais negros que pensaram a sua própria inserção na modernidade, além de enfatizar como os tais buscaram liberdade, cidadania e autonomia social e política.

Jerry Dávila em seu estudo sobre os professores de cor no Rio de Janeiro aponta, através da análise das fotografias contidas no arquivo de Augusto Malta e dos anuários do Instituto de Educação, para uma forte presença de professores afrodescendentes nas escolas da cidade no final do século XIX e uma redução gradual deste número, até que no final das décadas de 1930 e 40 elas praticamente não eram mais visíveis. Tal questão faz o autor refletir sobre a dinâmica do branqueamento existente ao longo do último século. O autor também salienta que a presença desses homens como: professores, administradores e jornalistas, sugere a existência de uma comunidade afrodescendente de classe média no Rio de Janeiro.[13]

Ao longo deste artigo, utilizarei as reflexões teóricas sobre o papel dos intelectuais negros em uma tentativa de aproximá-las com a trajetória e posição política de Hemetério dos Santos, pensando de que forma tal sujeito participou ativamente das discussões norteadas na época em que escreveu e do seu projeto democrático para a Educação, além da construção do modelo republicano que ele e seus pares defendiam, isto é, um projeto de nação que incluísse os negros na consolidação da República. Dentre as questões a serem colocadas, utilizarei citações para exemplificá-las, colocando o posicionamento de Hemetério diante do racismo, sua defesa da democracia, sobretudo seu projeto educacional, passando por suas aproximações com os anarquistas, ao prezar a igualdade, além de críticas aos que, do seu ponto de vista, não valorizaram o negro, como Machado de Assis.

A trajetória do intelectual

Hemetério José dos Santos nasceu no dia 3 de março de 1858, na cidade de Codó, no Maranhão. Veio para o Rio de Janeiro aproximadamente em 1870 tendo lecionado nos Colégios Pedro II em 1878, atuando ainda como professor adjunto do curso secundário em 1890. Logo depois, em 1898, foi designado professor “para a aula de português do curso de adaptação”, recebendo não só a nomeação de professor vitalício, mas também a patente de Major do Exército. Em 1920, tornou-se professor do Colégio Militar e recebeu a patente de tenente-coronel honorário. Casou-se com a também professora Rufina Vaz Carvalho dos Santos e atuou como professor da Escola Normal do Distrito Federal. Faleceu em 1939, no Rio de Janeiro.[14]

Pretidão de Amor e Carta aos Maranhenses: questões analisadas

Através da leitura dos documentos referentes ao Hemetério dos Santos, foi possível levantar algumas questões sobre o posicionamento político e social do intelectual. Elucidarei as reflexões partindo da sua conferência literária intitulada de “Pretidão de amor” realizada a 22 de novembro de 1905 no Grêmio das Senhoras da Cidade do Rio de Janeiro, com o pseudônimo de Benedicto Severo e também da “Carta aos Maranhenses” publicada em 20 de janeiro de 1906, no Rio de Janeiro.

Hemetério dos Santos inicia sua fala em ‘Pretidão de amor’ da seguinte forma:

Esta minha conferência é um grito de dor (...). Se agora faço mal, publicando-a, paciência, é um desabafo, e, ainda mais do que isto, é um registro de fatos que evocam dolorosamente saudades, não já do Império, mas dos tempos coloniais do Padre Antonio Vieira, Gregorio de Mattos (...) tempos em que, por sua garantia, a sociedade educava o negro, o índio, e amorosamente arrancava a erva má de preconceitos, erradamente divulgados por um falso entender religioso. [15]

Em tal parte fica evidente o argumento de Hemetério em forma de denunciar o racismo levantando a mestiçagem como bandeira de sua luta. Através do artigo de Maria Lúcia Rodrigues Muller[16] pode-se perceber tal denúncia pela crítica do intelectual ao José Veríssimo – autor de “A Educação Nacional” - justamente por suas opiniões racistas. Em relação ao ‘falso entender religioso’ citado no trecho acima pelo intelectual, percebe-se sua crítica à Igreja católica, esta vista como formadora de barreiras para os negros ocuparem cargos eclesiásticos. Outro exemplo de tal crítica pode ser ilustrado pelo seguinte trecho:

como ia falando, minhas senhoras... Há qualidades que a religião capitulou em crimes; não digo bem a religião, direi melhor: há qualidades que a cúria romana, os corvilhos da Igreja, os padres, os sacristas e frades, capitularam em estigmas, que se transformaram em pesadas barras de ferro, em grilhetas contra quem as possui. Tal a velha e cruel questão de cor e raça (...). Almas virtuosas e boas, piedosas e meigas poderiam amar, pelo que de bom e de humano de si desprendem, se não fossem os olhos perscrutadores, ainda da mais remota cambiante de negra cor. Nas confrarias e ordens religiosas, nos elevados cargos de responsabilidade da Igreja católica, o homem mestiço de sangue negro, não pode ter aspiração alguma.[17]

Ao iniciar sua conferência descrevendo o significado do amor, Hemetério coloca que ‘tratarei do amor em geral, e verei de leve correndo sobre os fatos, as anedotas amorosas das paixões do negro, desencadeadas dentro da nossa civilização’. Para retratar tal tema, presente inclusive no seu título e que permeia suas reflexões, o intelectual cita Luís de Camões e sua definição de amor, além de trechos de seus poemas. O autor consegue ligar tal tema à crítica em relação à Igreja Católica explícita no seguinte trecho: “Eis como é o amor, minhas senhoras: cheio de dramas, comédias e tragédias na civilização nossa, puro e casto entre os negros e judeus, pobres bestas, condenados a uma perseguição atroz e eterna, pelas estreitas malhas do código católico”. Dentro dessa crítica, Hemetério explicita através da perseguição em relação aos negros, indícios de sua crítica ao preconceito existente no século XIX.

Através do artigo de Maria Lúcia Rodrigues Muller[18], é possível perceber alguns exemplos de preconceito que Hemetério sofreu em sua trajetória como professor, através do trecho em que relata o estranhamento de alguns pais

ao receberem o intelectual para explicar as matérias aos alunos, muitas vezes recusando as suas aulas. Além disso, os versos de Emílio Menezes mostram através da grosseria e contundência como deve ter sido difícil para um professor negro, apesar da indiscutível erudição, inserir-se nos debates intelectuais da época. A autora coloca que o intelectual era considerado um “discutidor” porque se recusava a aceitar o preconceito e a discriminação atribuídos à cor de sua pele:

aparentemente, sua maneira de lutar contra o preconceito e a discriminação racial era esgrimindo um bem fundamental do discurso, onde ficava demonstrada a falácia de algumas das pressuposições racistas – encontra-se esse conjunto de críticas em suas obras.[19]

Uma das maiores críticas de Hemetério estava relacionada ao posicionamento de Machado de Assis diante da questão racial. Para o intelectual aqui em questão, o escritor apagou a participação do negro na construção nacional, pois cultivaria “ideias preconcebidas contra sua cor de procedência (...) enveredando-se por preconceitos (...) vesgos e zarolhos e teria negligenciado o ‘problema do negro’, fundamental na ‘vida da nação’ brasileira”. Para o intelectual, Machado teria ignorado os negros em sua obra e, por isso, estaria muito aquém de homens como José do Patrocínio, Joaquim Nabuco, dentre outros que não se furtaram à missão patriótica de referir-se ao negro na vida nacional. Não citar os negros em sua obra seria uma ofensa aos “seus irmãos de cor”, e demonstraria que o autor não tinha tido ousadia suficiente para provar com fatos “(...) que a obra do português e do negro” no Brasil era “sem par no mundo, pela bondade e pela candura que ambos derramaram por toda a parte, nessa construção de amor e tolerância” que seria o Brasil.[20]

Uma aproximação visível na conferência “Pretidão de amor”, é a de Hemetério com os anarquistas, no sentido de prezar a igualdade:

(...) não posso mais continuar, minhas senhoras, que estas e outras delicadas questões do amor o peito me magoam dolorosamente. Só quando a sociedade atingir o ideal de simples e natural anarquia, na boa acepção do termo, quando o amor se livrar das impurezas dos sórdidos e mesquinhos interesses, da grosseria soez e caprina, quando as portas dos nossos Institutos se não fecharem aos negros – referência à sua defesa pelo ensino democrático - e aos deserdados da fortuna, quando for eficaz e real a salutar e justa fraternidade, quando de braços unidos e de corações em harmonia forem amigos, na vida, os que cultivam a terra, e aqueles que dos seus frutos gozo têm, sem trabalho e sem fadiga (...). [21]

Ao prezar pela igualdade, Hemetério defendeu a democracia racial, sobretudo por ser a favor da inclusão do negro no projeto nacional que se formulara para a República. É provável que sua fala “Pretidão de amor” fosse para ex-alunas da Escola normal para que não excluíssem o negro da Educação. O pensamento pedagógico e político do professor Hemetério aparecem na ‘Carta dos Maranhenses’. Para ele, o objetivo do ensino público deveria ser o de formar cidadãos capazes de pensar o Brasil e encontrar soluções adequadas à realidade em que viviam. Acreditava que a formação escolar aproximava-se da construção da democracia, tendo como esperança um ensino público capaz de construí-la. Neste documento, o professor evidencia sua opinião sobre como devia ser o ensino, sobretudo de gramática, defendendo a generalização e profissionalização do mesmo, como forma de integração social do negro. Além disso, ao defender o papel da escola como essencial na constituição nacional, Hemetério aproveitava para novamente criticar o tratamento dispensado ao negro no passado recente:

(...) o SYLLABUS, publicado a 8 de dezembro de 1864, perante uma agremiação de parasitas que, noite e dia, se divertiam com o último suor do negro, vendido ao duro e áspero amanho do café, rubro sangue do trabalho escravo, nas feracíssimas montanhas de São Paulo e Rio.[22]

Ao mesmo tempo, percebe-se na leitura do documento estranhamentos como os com o “economista” da Proclamação da República – em que Hemetério não revela a identidade - e ao escolhido pelo Sr. Benedicto Leite para dirigir a Escola normal, e também as amizades e aproximações com Antônio Vieira e Gonçalves Dias.

Percebe-se também uma preocupação por parte de Hemetério dos Santos, em relação à história do negro, fazendo referência à África: “Assim, nos belos tempos épicos dos nossos avós, o Portugal, senhor, nobre e cavalheiresco, selou o seu direito à veneração da humanidade, com o beijo de amor, estampado nas faces da portentosa

África, de arbustos ares, e de candente sol”.[23] Além disso, buscou-se mostrar em sua conferência, como os brancos positivaram o negro no passado e como o intelectual sentia-se orgulhoso de ser negro: “Hemetério tinha grande capacidade de transformar a mágoa num barulhento orgulho de ser preto, daí perder a mansuetude ao investir contra Machado de Assis com todas as pedras que achou”[24]. Em ‘Pretidão de Amor’, utiliza vários poemas, sobretudo de Gonçalves Dias, sobre negros e cor de pele:

*Sou preto sim, tu és branca,
Mas que importa? Junto ao dia,
À noite o ponte cria,
E cria a aurora também, Que mais luzentes belezas,
Mais doces do que ambos tem.*[25]

Além deste, cita: “E Camões, da África toda admira a paz e tranquilidade, planta que viçosa brota e corações inteiros: Olha as casas dos negros, como estão sem portas, confiados em seus ninhos, na justiça real, e defesa, e na fidelidade dos vizinhos...”[26]. Acrescento para essa análise da valorização do negro e da mestiçagem, um trecho do poema de Gregório de Mattos presente na conferência de Hemetério:

*Porque brancas e mulatas,
Mestiças, cabras e angolas
São o azeviche em parolas,
E as duas são pratas.*[27]

Ao utilizar tais versos, Hemetério dos Santos foi seguido de aplausos, isto, ilustra a aceitação e o reconhecimento por parte dos ouvintes das ideias colocadas pelo intelectual: “Os vossos aplausos, minhas senhoras, me dão coragem e ânimo, mas esse bom soldado, nas coisas de amor sem rival e sem escrúpulos infundados, foi também vítima uma vez do hediondo preconceito de pele”[28]. Tal trecho é capaz de ilustrar o preconceito vivido pelo intelectual em meados do século XX, como exemplo do mito de democracia racial existente no país.

Em relação ao projeto republicano de Hemetério dos Santos, pode-se perceber ao longo das citações aqui expostas, sua crítica às oligarquias, à patronagem (troca de favores diferente da proposta *de res publica*), ao latifúndio e ao clientelismo que caracterizariam a Primeira República. Ao defender explicitamente uma república democrática, Hemetério acreditava que esta via poderia ser efetivada através do acesso à Educação, através da participação política tanto de brancos como de negros. Ao longo do século XX, intelectuais negros e outros brancos, como Manoel Bomfim e Olavo Bilac, fizeram parte do grupo que se decepcionou com a República estabelecida no país. Ao longo dos primeiros anos republicanos, tais indivíduos contrários aos parâmetros em que a República foi estabelecida – não contemplando o seu real significado de *res publica* – não calaram suas vozes e continuaram a levantar sua bandeira de luta.

Considerações finais

Pode-se dizer que Hemetério dos Santos participou ativamente ao longo de sua trajetória como intelectual na tentativa de mostrar não só uma visão positiva do negro, mas também de defender a inclusão social do mesmo – “modernidade negra” – e o fim da discriminação racial. Tal defesa fica explicitamente ligada com seu projeto republicano, isto é, a busca pela democracia. As ideias de Hemetério podem ser vistas como progressivas para o momento em que escreveu, principalmente se pensarmos nas dificuldades e barreiras enfrentadas pelo intelectual para atingir tal projeção. A forma usada pelo intelectual para alcançar tais posições, ainda que tenham sido levantadas algumas hipóteses, não é tão clara, mas podemos concluir que a sua atuação como professor exigente e respeitado foram uns dos motivos para tal façanha.

Um exemplo do reconhecimento de sua projeção enquanto intelectual, de sua incontestável erudição e de sua

incontestável erudição e de sua considerável visão progressista de seu tempo pode ser percebida na carta emitida por João de Deus na Gazeta de Notícias em 29 de julho de 1906, sobre a publicação de Hemetério, “Carta aos maranhenses”.

Escritor, o sr. Hemetério revela, a par de um vocabulário opulento e de um fácil e elegante manejo da língua, inegáveis talentos servidos por uma erudição sólida e despreziosa. O seu estilo é terso, brilhante, os seus períodos apresentam contornos e coloridos e ritmos que não são frequentes senão nos que curam da palavra com carinho e amor de artista (...) Não sei dos muitos e valiosos atributos de espírito, qual mais deve encarecer e louvar: se o brilho do estilo eskorreito, se a sonoridade da frase, se a compostura fidalga do discutidor ou se a excelência das ideias e opiniões expendidas. (...) O sr. Hemetério é um espírito adiantado, diz tudo o que vem do seu intelecto (...). [29]

Não se percebeu a opinião de Hemetério diante do branqueamento ou do casamento inter-racial para conter o preconceito, mas não oculta a sua posição perante a discriminação racial e a luta para combatê-la. A sua defesa pela democracia está explicitamente enraizada no projeto de ensino inclusivo para o país, tal argumento fica claro no trecho no qual concluo este trabalho com a mesma conclusão de sua conferência de 1905:

Minhas senhoras, vós que nos amamentastes do carinho sem igual da mulher negra, não consistais que a escola, esse céu iluminado por vinte e cinco constelações sonoras, seja fechada ao filho de quem formou este belo Brasil moral e hospitaleiro, amorosamente vos criando, com o branco leite do seu amor. Grato vos sou; e só então, emudecerei contente.[30]

NOTAS:

[1] Nos livros: “Pretidão de amor” – Acervo geral: Livros Indicação do catálogo: II-253, 3, 38, n.1 e “Carta aos maranhenses” - Acervo geral: Livros, Indicação do catálogo: I-210,3,10,n.10. Ambos na Biblioteca Nacional.

[2] Pode-se citar os estudos de: SLENES, Robert W. Na Senzala, *Uma Flor: esperanças e recordações na formação da família escrava (Brasil Sudeste, século XIX)*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1999. CHALHOUN, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo. Companhia das Letras, 1990. LARA, Silvia. *Campos da Violência; escravos e senhores na capitania do Rio de Janeiro, 1750-1808*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1988. REIS, João José e SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito*. São Paulo. Companhia das Letras, 1989.

[3] GUIMARÃES, Antonio Sergio. *Intelectuais negros e modernidade no Brasil*. Oxford: Centre for Brazilian Studies, 2004 (working paper).

_____. *Intelectuais negros e formas de integração nacional*. Estudos Avançados, São Paulo, v. 18, n. 50, 2004.

[4] BOURDIEU, Pierre – A Ilusão biográfica. In: FIGUEIREDO, Janaina P. Amado Baptista de. FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

[5] GRINBERG, Keila. *O fiador dos brasileiros: cidadania, escravidão e direito civil no tempo de Antônio Pereira Rebouças*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p.32.

[6] GOMES, Heloísa Toller. *As marcas da escravidão: o negro e o discurso oitocentista no Brasil e nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

[7] DANTAS, Carolina Vianna. *O “Brasil café com leite”. Mestiçagem e identidade nacional em periódicos – Rio de Janeiro, 1903-1914*. Rio de Janeiro, Casa Rui Barbosa, 2010, p. 272.

[8] *Ibidem*, p.275.

[9] *Ibidem*, p.276.

[10] “Embranquecimento” pode ser entendido segundo o autor, como o processo pelo qual indivíduos negros, principalmente intelectuais, eram sistematicamente assimilados e absorvidos às elites nacionais brasileiras.

[11] GUIMARÃES, Antonio Sergio. *Intelectuais negros e formas de integração nacional*. Estudos Avançados, São Paulo, v. 18, n. 50, 2004.

[12] GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo, Rio de Janeiro: 34/Universidade Cândido Mendes, 2001.

[13] DÁVILA, Jerry. *Diploma de brancura. Política social e racial no Brasil, 1917-1945*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

[14] GOMES, Heloísa Toller. *Op.cit.*

[15] “Pretidão de amor” – Acervo geral: Livros Indicação do catálogo: II-253, 3, 38, n.1. pp. 11.

[16] MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. *Pretidão de amor*. In: OLIVEIRA, Iolanda. (Org.). *Cor e magistério*. Rio de Janeiro: Quartet/EDUFF, 2006.

[17] “Pretidão de amor”, *Op. cit.*, p.12/13.

- [18] No texto de Maria Lucia Rodrigues Muller, intitulado de ‘ Pretidão de amor’, além da autora efetuar uma breve biografia do professor, gramático e filólogo, aponta algumas citações de fontes e levanta algumas questões.
- [19] MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. Op. cit., p.150.
- [20] Carta aberta a Fabio Luz, Gazeta de Notícias, 16/11/1908. [Acervo da Biblioteca Nacional]
- [21] “Pretidão de Amor”, Op. cit., p. 51.
- [22] “Carta aos maranhenses” - Acervo geral: Livros, Indicação do catálogo: I-210,3,10,n.10.
- [23] “Pretidão de Amor”, Op.cit., p. 16.
- [24]MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. *Pretidão de amor*, In OLIVEIRA, Iolanda. (Org.). *Cor e magistério*. Rio de Janeiro, Quartet/EDUFF, 2006. pp.149.
- [25] “Pretidão de Amor”. Op.cit., p. 26.
- [26] “Pretidão de Amor”. Op.cit., p. 47.
- [27] “Pretidão de Amor”. Op. cit., p.50.
- [28] “Pretidão de Amor”. Op. cit., p. 30.
- [29] “Dois dedos de prosa” – Gazeta de Notícias, 29 de julho de 1906 – João de Deus Filho. [Acervo Biblioteca Nacional]
- [30] “Pretidão de Amor”. Op. cit., p. 53.

© 2002 - 2011 Revista Cantareira - Todos os direitos reservados.

Os direitos dos artigos publicados nesta edição são propriedade exclusiva dos autores.

Esta obra pode ser obtida gratuitamente no endereço web da revista. Pode ser reproduzida eletronicamente ou impressa, desde que mantida sua integridade.
